

**A Mística e suas Manifestações:
uma reflexão fenomenológica sobre a mística especulativa a
partir dos textos de São João da Cruz e Rûmi**

Reinaldo da Silva Júnior*
[reipsi@yahoo.com.br]

Resumo

Este artigo nasce de um exercício lúdico na tentativa de responder a uma companheira de pesquisa que me incitou a falar da mística especulativa a partir do viés fenomenológico. Por entender que o problema de fundo desta questão são as barreiras epistemológicas, resolvi tratar o tema de maneira a construir caminhos que viabilizem o diálogo entre as correntes de pensamento que se propõem a estudar o fenômeno místico. Partindo do princípio de que só é possível estudar, a partir dos instrumentos de conhecimento do ser humano, a experiência mística no que diz respeito à sua linguagem, visto que a experiência em si é inefável, busquei, a partir dos textos de São João da Cruz e Rûmi, tendo como base a visão de Lima Vaz sobre o conceito de mística especulativa, encontrar aproximações entre estes universos de significados.

Palavras-chave: Fenomenologia da Religião, Diálogo Inter-Religioso, Mística Especulativa, Epistemologia, Inefabilidade.

Abstract

This article was born out of a playful exercise in the attempt to provide an answer to a research colleague who stirred me up to speak about speculative mysticism from a phenomenological perspective. Since I understand that the problem at the bottom of this question refers to the issue of epistemological barriers, I decided to deal with the subject so as to construct ways that make possible the dialogue between schools of thought which propose to study the mystical phenomenon. Starting from the principle that based on the instruments of human knowledge it is

* Mestrando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora.

only possible to study the mystical experience in what it says from within its own language – since the experience in itself is ineffable –, I looked, starting from the texts of St. John of the Cross and Rûmi, and having in mind Lima Vaz's construction of the concept of speculative mysticism, for points of contact between these universes of meanings.

Keywords: Phenomenology of Religion, Inter-Religious Dialogue, Speculative Mysticism, Epistemology, Ineffability.

Introdução

Em uma recente apresentação que fiz num congresso, de uma comunicação sobre minha pesquisa referente às aparições marianas, buscando entendê-las como expressão mística no Brasil contemporâneo, tendo como referência epistemológica a Fenomenologia da Religião, ao citar São João da Cruz e Rûmi como exemplos de possibilidade de diálogo inter-religioso a partir da experiência mística, uma questão me foi posta: seria possível analisarmos a mística especulativa por esta ótica metodológica?

No primeiro momento acreditei que a resposta era simples e dizia respeito apenas à disponibilidade do investigador em se permitir um exercício hermeneutico um pouco mais livre. Respondi que esses problemas conceituais eram mais próprios da academia, mas que os místicos propriamente ditos não teriam problemas em confrontar suas experiências, pois, independentemente da forma, todas tinham a mesma estrutura. Mas a réplica de minha inquiridora me fez perceber que por traz desta questão posta havia uma problemática muito mais complexa, que esbarrava em contendas históricas dos cientistas da religião; dúvidas entre posições contextualistas e perenialistas, filosóficas e teológicas e na própria caracterização do que seria científico ou não; o que estava em jogo ali não era a experiência mística em sua manifestação empírica, mas todas as posições da ciência frente o fenômeno religioso.

Instigado por estas reflexões e incomodado pela distância que separa os opostos dentro do universo científico da modernidade tardia é que me motivei a escrever este ensaio, na tentativa de demonstrar que as dificuldades encontradas

pelos teóricos em descobrir semelhanças e aproximações nas experiências místicas são frutos dos limites de nosso próprio intelecto, entendendo que, como afirma Pondé, “praticar epistemologia é antes de tudo ter consciência do drama presente na experiência dos limites de nosso aparelho cognitivo e nas diferentes (e insuficientes) formas de transmissão dos conteúdos produzidos por este aparelho”¹. Essas posições diferenciadas, como, por exemplo, as visões perenialistas e contextualistas, não devem ser vistas, portanto, como opostos inconciliáveis, pois, se tratam do mesmo objeto, é preciso que se encontre entre elas pontos de intercessão. É pertinente aqui a história ou parábola do elefante contada por Rûmi no Masnavi²

Neste sentido, entendemos que as classificações que impomos às místicas(?)³ são, na verdade, estratégias necessárias para este estudo sistemático que a nossa consciência racional alcança; mas “na experiência concreta, porém, tais formas aparecem freqüentemente integradas no todo da experiência”⁴.

Um ponto de tensão se forma aqui: por um lado a epistemologia, que exige certo grau de ceticismo por ser este o lugar mor da investigação, como afirma Pondé⁵, por outro a experiência mística propriamente dita, que nos pede uma inserção, um mergulho na crença, como afirma Schleirmarcher ao falar do sentimento religioso: “Eu não sei, mas temo que a religião não possa ser compreendida senão por ela mesma e que sua estrutura particular e sua diferença característica lhes permanecerá obscura se não pertenceres a alguma religião”⁶.

¹ Luiz Felipe PONDÉ, *Em busca de uma cultura epistemológica*, p. 11.

² Jallal ud Din RÛMI, *Masnavi*, p. 155.

³ A interrogação entre parênteses aponta para uma dúvida por nós levantada: existiria realmente uma diferenciação estrutural na experiência mística das diversas tradições e nos diversos momentos da história de uma mesma tradição, ou seria esta apenas uma estratégia racional de classificação?

⁴ Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosófica na tradição ocidental*, p. 29. Esta afirmação de Lima Vaz refere-se à mística cristã, mas a utilizamos para uma leitura de toda a mística de origem na tradição do tronco abraâmico.

⁵ Luiz Felipe PONDÉ, *Em busca de uma cultura epistemológica*, p. 16.

⁶ Luiz Felipe PONDÉ, *Em busca de uma cultura epistemológica*, p. 11. Schleiermacher não entende este sentimento religioso como uma experiência mística transcendente, procurando enfocá-lo como um processo interno do próprio ser humano, mais próximo do campo psíquico. Mas isto não inviabiliza sua utilização na discussão sobre a essência da religião enquanto fenômeno.

Não temos aqui a pretensão de superar este hiato, mas acreditamos ser possível apontar caminhos que viabilize o diálogo entre os percursos da ciência e as disposições da religião. Nossa principal missão é demonstrar que as particularidades assumidas pela expressão da mística em seus contextos históricos e culturais não inviabilizam uma compreensão desta como um fenômeno universal da relação do ser humano com o Absoluto, na verdade, a própria diversidade de manifestações que este Absoluto ganha no mundo imanente já é prova do mistério que o qualifica como imponderável⁷. Se seguirmos o argumento de Hick podemos afirmar que a experiência mística seria um instante onde a metáfora da encarnação se manifesta no próprio sujeito, a partir do que Baille definiu por “paradoxo da graça”⁸, Deus se faz presente em nossa própria carne, renovando o milagre da união entre Criador e criatura.

Trabalhar com mística é estar a todo o momento mergulhado neste jogo dialético entre a razão e a intuição, o literal e o metafórico, e um discurso científico sobre o tema não pode desconsiderar este pressuposto. Portanto, qualquer pensamento que procure olhar a mística de maneira normativa acabará por esbarrar em limites metodológicos para a compreensão do fenômeno; na verdade, se existe um método que se mostra insuficiente para abarcar o fenômeno religioso, é o método que se prende aos axiomas da razão, não dando espaço para a contemplação intuitiva.

Neste sentido, as próprias classificações atribuídas às experiências místicas ganham um matiz metafórico, não devendo ser vistas como modelos estruturais para a experiência, mas sim como demonstrações estéticas que ganham significado em seus contextos históricos e culturais, mas que não explicam a essência do fenômeno místico; este só apreendido pelo sujeito que vive tal experiência.

É nesta perspectiva que procuramos entender as diversas formas de linguagem mística, procurando atravessar a superfície formal do discurso para encontrar a essência da experiência propriamente dita. Usando fragmentos do Masnavi de Rûmi e dos Comentários ao Cântico Espiritual de São João da Cruz,

⁷ Vale conferir a especulação de John Hick sobre a possibilidade de encarnações múltiplas da divindade, no capítulo intitulado “Encarnações Múltiplas?”, da sua obra *A metáfora do Deus encarnado*, p. 123-155.

⁸ Op. Cit. p. 146.

procuramos ultrapassar a idéia de linguagem poética x filosófica, profética x contemplativa, especulativa x teológica, para alcançarmos a intenção maior do discurso destes homens de Deus: trazer para a humanidade notícias dos caminhos que nos leve à morada do Pai – para usar uma expressão católica -, ou à iluminação, só para citar duas maneiras de expressar a união com o Real.

1. A Linguagem Mística e suas Formas

A princípio é preciso esclarecer por que privilégio o termo linguagem para tratar das formas de expressão da mística. Partindo do pressuposto de que a experiência em si não pode ser compartilhada, como nos revela Rûmi na Descrição do Amor⁹ e é reforçado por São João da Cruz no prólogo do Cântico Espiritual¹⁰; o que nos sobra para tentar desvelar este mistério é a linguagem, ou seja, o fragmento da experiência mística que nos é permitido o acesso. E não podemos esquecer que a linguagem é construída dentro de um contexto, fazendo com que as formas que a experiência toma sejam moldadas pelo mesmo. Neste sentido é importante entender que não existe experiência mística fora de um contexto, pois a mesma é uma experiência humana, portanto, vivida pelo sujeito e, por sua vez, tem, como condição antropológica, uma dimensão histórica, uma dimensão cultural e uma dimensão psicológica.

Um ponto importante a ser lembrado, antes de entrarmos propriamente na análise destas formas, é que a posição do investigador exige dele um método e, como afirma Pondé: “assim sendo, a discussão metodológica é um processo de construção da visibilidade dos objetos em questão”¹¹. Mas, em se tratando da experiência mística religiosa nos encontramos perante uma realidade metodológica um tanto quanto adversa do que costumeiramente vemos no meio científico, que o próprio Pondé chama de método de Deus, que pode ser definido na seguinte referência do autor:

⁹ Jallal ud Din RÛMI, *Masnavi*, p. 20-21.

¹⁰ São João da CRUZ, *Cântico espiritual*, p. 14.

¹¹ Luiz Felipe PONDÉ, *Em busca de uma cultura epistemológica*, p. 25.

O método de Deus não é, portanto, uma outra ontologia, uma outra física (aos moldes de um cosmismo ingênuo), um outro esquematismo que funda uma ordem reconhecida como uma geometria 'santa' do imaterial, um repertório conceitual qualquer (ordem, virtude, potencia, forma), mas um processo traduzido numa oposição entre ordem/desordem nas trevas e uma experiência interior que atravessa esta escuridão, e, por causa desta travessia, ilumina-se"¹².

Esta mesma idéia expressa São João da Cruz quando, nas explicações do Cântico Espiritual, desvela o método para se alcançar as "expressões amorosas de inteligência mística"¹³. Vale aqui colocarmos duas citações do autor que exemplificam este método exigido para a compreensão da experiência mística:

Seria, ao contrário, ignorância supor que as expressões amorosas de inteligência mística, como são as das presentes canções, possam ser explicadas com clareza por meio de palavras: é o espírito do senhor, que ajuda nossa fraqueza, no dizer de São Paulo, e, habitando em nossa alma, pede para nós com gemidos inenarráveis, aquilo que nós mesmos mal podemos entender ou compreender para manifestá-lo... Daí vem que os santos doutores da Igreja, por muito que digam, e por mais que queiram dizer, jamais poderão acabar de explicar com palavras o que com palavras não se pode explicar¹⁴.

Não devemos esquecer ainda que o fator motivador para o desenvolvimento deste ensaio foi a provocação de minha interlocutora sobre a eficácia do método fenomenológico para o estudo de uma modalidade específica de mística, a saber, a especulativa; e toda minha argumentação vem sendo no sentido de demonstrar que estas classificações que se impõe à experiência mística são apenas tentativas de tradições filosóficas e metodologias científicas

¹² Luiz Felipe PONDÉ, *O método de Deus*, p. 176.

¹³ São João da CRUZ, *Cântico espiritual*, p. 13-226.

¹⁴ *Ibidem*. p. 13-14.

de traduzir algo que é da ordem do que Lima Vaz chama de translógico¹⁵. Não que se devam desprezar as raízes culturais onde se manifesta a experiência, pois, como afirma Velasco “um místico anarquista de sua própria religião é uma invenção sem fundamento”¹⁶. Mas, se começarmos a nos esmerar por questões semânticas notaremos que o próprio termo “mística” nos trará problemas, pois o mesmo nasce dentro de uma cultura específica do mundo grego/cristão/ocidental¹⁷, o que já seria um impicílio na utilização do mesmo na compreensão de experiências de outras realidades culturais como é o caso do Islamismo. Por isso a fenomenologia não está tão preocupada com estas formas ou sentidos que a experiência ganha em seu contexto, mas procura encontrar a essência, aquilo que Velasco chamou de “traços comuns” e “ar de família”¹⁸; algo que ultrapassa a forma e que Schwartz explica muito bem na seguinte passagem:

Em suma, a mística parece oferecer um procedimento para desvelar certas verdades profundas da existência humana. O que ela oferece, ao final, não é uma verdade lingüística, mas um caminho para descascar as camadas de ilusão e de auto-ilusão, e permitir que a presença interna não-lingüística reflexivamente se revele a si mesma: a consciência mostrando-se à consciência¹⁹.

Mas, entendo que devo, ao menos, tentar atender à provocação. Partiremos, por isto, da mística especulativa para buscar no conceito que a define similaridades que nos permita aproximá-la de outras experiências religiosas, aqui apresentadas pelas figuras de Rûmi e São João da Cruz. A primeira tarefa está na definição do termo; escoramos-nos no pensamento de Lima Vaz e escolhemos três trechos de sua autoria para identificar o que seja esta forma de experiência:

A chamada ‘mística especulativa’ pode ser considerada um prolongamento da experiência metafísica em termos de intensidade experiencial. A mística especulativa é, portanto, o

¹⁵ Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 30.

¹⁶ J. M. VELASCO, “Mística”. *Uso y abuso de un término impreciso*, p. 22.

¹⁷ *Ibidem*. p. 20.

¹⁸ *Ibidem*. p. 22.

¹⁹ Sílvia SCHWARTZ, *O estudo atual das discussões epistemológicas sobre a mística*, p. 436.

esforço mais audaz – na mística natural – e o apelo mais radical – na mística sobrenatural – para que o espírito humano, seguindo o roteiro do logos, penetre no domínio do translógico. É, portanto, uma mística do conhecimento, e essa é a feição original que a distingue na história da Mística.²⁰

Ora, o que estaria Lima Vaz querendo dizer com prolongamento da experiência metafísica, intensidade experiencial, domínio do translógico a partir do roteiro do logos, mística do conhecimento, não seria o mesmo que encontramos nos textos de Rûmi?

“O Amor quer ver seu segredo revelado,
Pois se o espelho não reflete, de que servirá?
Sabes por que teu espelho não reflete?
Porque a ferrugem não foi retirada de sua face.
Fosse ele purificado de toda ferrugem e mácula,
Refletiria o brilho do sol de Deus.”

“A alma verdadeira perde-se de vista e parece distante;
Tu és como um cântaro – a barriga cheia mas os lábios secos;
Como podes ver o vermelho, o verde e o escarlata
A menos que primeiro vejas a luz?
Quando tua vista é ofuscada por cores,
Estas cores velam de ti a luz.
Mas quando a noite vela estas cores de ti,
Percebes que só são vistas por meio da luz.
Do mesmo modo que não se pode ver as cores externas sem luz,
Assim ocorre com as cores internas da mente.
As cores externas surgem da luz do sol e das estrelas,
E as internas da luz do alto”²¹.

²⁰ Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 30.

²¹ Jallal ud Din RÛMI, *Masnavi*, p. 19, 30.

Espero que não vejam aqui apenas um estratagema retórico à moda sofista, mas sim um exercício honesto e coerente na intenção de encontrar caminhos que nos permitam praticar o que Husserl chamou de intuição eidética, que é o método para chegarmos às estruturas essenciais e sentidos do fenômeno místico, que é o que nos importa²².

Seguindo as considerações de Lima Vaz sobre a mística especulativa teremos:

Dois grandes eixos sustentarão esta estrutura: a) o eixo subjetivo, correspondendo a uma ordenação vertical e hierárquica das atividades cognoscitivas da alma (psyché, anima) e, por conseguinte, das formas de conhecimento, culminando com a inteligência (noûs, mens) no seu ato mais elevado (nóesis, intuito)... b) o eixo objetivo está em perfeita homologia com o eixo subjetivo na estrutura da mística especulativa. Com efeito, esta repousa sobre a pressuposição de que, à capacidade do ser humano de conhecer e amar o absoluto, corresponde a realidade objetiva desse mesmo Absoluto intuído e amado²³.

Devo voltar ao meu exercício, trazendo agora São João da Cruz para encontrar em suas palavras o eixo subjetivo descrito por Lima Vaz:

As primeiras canções tratam dos principiantes, isto é, da via purgativa. As seguintes tratam dos adiantados, quando se faz o desposório espiritual, esta é a via iluminativa. Depois, segue-se outras canções, referentes à via unitiva, que é a dos perfeitos, onde se realiza o matrimônio espiritual. esta via unitiva, já dos perfeitos, vem depois da iluminativa que é própria dos adiantados. As últimas canções, enfim, tratam do estado beatífico, único intuito da alma chegada ao estado de perfeição... Que mais queres, ó

²² Vale apontar as ressalvas feitas por Vitória Peres de Oliveira no que concerne ao descaso que a Fenomenologia da Religião desprende a este método husserliano e às variações que esta essência pode ganhar dependendo da vertente fenomenológica que a estuda, ou seja, nenhum campo epistemológico está isento de contradições, pois todos precisam se agarrar em pressupostos. Vitória Peres de OLIVEIRA, *A fenomenologia da religião: temas e questões em debate*, p. 55-56.

²³ Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 31-32.

alma, e que mais buscas fora de ti, se tens dentro de ti tuas riquezas, teus deleites, tua satisfação, tua fartura e teu reino, que é teu amado a quem procuras e desejas?²⁴.

E nas seguintes o eixo objetivo:

Seria, ao contrário, ignorância supor que as expressões amorosas de inteligência mística, como são as das presentes canções, possam ser explicadas com clareza por meio de palavras: é o Espírito do Senhor, que ajuda nossa fraqueza, no dizer de São Paulo, e, habitando em nossa alma, pede para nós com gemidos inenarráveis, aquilo que nós mesmos mal podemos entender ou compreender para manifestá-lo²⁵.

Pelo risco de tensão que nossas correlações podem causar em alguns setores, creio que não é exagero lembrar novamente que não é nossa intenção classificar Rûmi ou São João da Cruz como místicos especulativos, mas esperamos demonstrar que as fronteiras demarcadas pela episteme não alcançam a singularidade que permeia toda e qualquer experiência mística, transformando-a num fenômeno universal de contato do ser humano com o Absoluto, seja ele descrito e interpretado como for.

Seguindo o pensamento de Lima Vaz, teríamos ainda mais duas formas de expressão da experiência mística no ocidente: a mistérica e a profética²⁶. Poderíamos ainda gastar várias páginas para tentar decifrar as formas tomadas pela mística sufi, da tradição islâmica – de onde vem Rûmi –, que aparece num primeiro momento de sua existência, caracterizada por três estágios: Zuhud (renúncia do mundo), hudd (amor gratuito a Deus) e ma'rifa (conhecimento de Deus)²⁷; e que pode também tomar a forma doutrinária do wahat al-wuyud (unidade do ser), mas, como já afirmamos, para utilizar um termo de Rûmi, estas são apenas espumas, e para se compreender o mistério, que é a alma da mística “há a necessidade de um salto adiante, no sentido de poder perceber, para além

²⁴ São João da CRUZ, *Cântico espiritual*, p. 23, 27.

²⁵ São João da CRUZ, *Cântico espiritual*, p. 13.

²⁶ Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 29.

²⁷ Faustino TEIXEIRA, *Rûmi: a paixão pela unidade*, p. 295.

da espuma que se mostra, a dinâmica do mar que ela escamoteia: ‘o olho do mar é uma coisa, a espuma é uma outra, deixe a espuma e olhe com olho do mar’²⁸. Este mergulho na experiência nos permite esta insensatez de fazer a aproximação entre os textos de Rûmi e São João da Cruz e os conceitos da mística especulativa, pois é movido pela embriagues do Amado que me torno tão ousado.

2. Mística Islâmica e Mística Cristã: dois rios com uma mesma nascente e que deságuam no mesmo mar

Pegando o gancho da metáfora do mar usada por Rûmi – com o qual fechamos o último desenvolvimento -, procuramos neste tópico enfocar as semelhanças históricas, teológicas e filosóficas destes dois universos religiosos, demonstrando que suas experiências místicas têm mais em comum do que sua essência ou estrutura fenomenológica; a intenção é verificar que suas semelhanças não se resumem à experiência subjetiva ou transcendente, mas perpassa também a construção simbólica, a organização cultural e a compreensão intelectual que estes povos têm da realidade, encontrando aproximações ontológicas – nascente – e escatológicas – mar – na constituição destas tradições.

A primeira pega neste sentido é a mais óbvia: a origem abraâmica das duas tradições. Não podemos esquecer que tanto o cristianismo quanto o islamismo nascem do berço judaico, tendo, portanto, como referencia teológica primeira a Tora e seu dogma do Deus único. Esta base comum faz com que a concepção de sagrado nestas duas tradições aponte para um mesmo horizonte de sentido, privilegiando idéias como a alteridade, que é fundamental na interpretação da experiência religiosa tanto do cristão quanto do mulçumano. A visão do ser humano como um ente desgarrado de sua essência divina, que busca ansiosamente resgatar a intimidade com seu Senhor é uma imagem muito forte para estas duas tradições, podemos ver o reflexo deste angustiado conflito nos textos de nossos dois autores de referência:

²⁸ *Ibidem.* p. 294.

“Escuta a flauta de bambu, como se queixa,
Lamentando seu desterro:
Desde que me separaram de minha raiz,
Minhas notas queixosas arrancam lágrimas de homens e mulheres.
Meu peito se rompe, lutando para libertar meus suspiros,
E expressar os acessos de saudade de meu lugar.
Aquele que mora longe de sua casa
Está sempre ansiando pelo dia em que há de voltar”²⁹.

Por aqui havemos de entender o seguinte: se a alma sentir grande comunicação, ou sentimento, ou notícia espiritual, não é isso razão para persuadir-se de que aquela experiência consiste em possuir ou contemplar a Deus, clara e essencialmente; ou para crer que recebe mais de Deus, ou está mais unida a Ele, por mais forte que seja tais experiências... que mais queres, ó alma, e que mais buscas fora de ti, se tens dentro de ti tuas riquezas, teus deleites, tuas satisfações, tua fortuna e teu reino, que é teu Amado a quem procuras e desejas?³⁰

Outro viés que não pode ser esquecido é a influência neoplatônica encontrada tanto no sufismo como na mística especulativa cristã³¹. A concepção de um mundo profano prezo à ilusória fragmentação da diversidade e um sagrado que nos leva a verdade da unidade é uma das marcas desta influência³² e é belamente representada por Rûmi na história do Leão, do lobo e da raposa³³. Na verdade, tanto o islamismo quanto o cristianismo tem uma mesma base ontológica – a idéia de um ser totalmente outro do qual todos os outros seres se originam – e a mesma escatologia – um retorno a esta origem criadora -, o que faz delas tradições irmãs.

²⁹ Jallal ud Dim RÛMI, *Masnavi*, p. 17.

³⁰ São João da CRUZ, *Cântico espiritual*, p. 26, 29.

³¹ Verificar comentários de Faustino TEIXEIRA, *Rûmi: a paixão pela unidade*, p. 294 e Henrique Cláudio de LIMA VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 30-31.

³² Podemos aqui fazer uma referência à dialética do sagrado e do profano, visto por Eliade como uma das marcas da experiência religiosa. Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*, p. 15-22.

³³ Jallal ud Dim RÛMI, *Masnavi*, p. 67.

Não podemos deixar de citar, mesmo que apenas a título de curiosidade, o fato de São João da Cruz ter nascido na Espanha, nação que sofreu grande influência islâmica através dos mouros, o que não deixa de criar um outro vínculo interessante entre nossos dois místicos. Mas, o que é verdadeiramente importante para nós é poder, de maneira mais fraterna, mas não menos sistemática, enxergar as diversas formas de manifestação mística como possibilidades de vivenciar um mesmo encontro do ser humano com o Real, aproximando-o o máximo possível para um ser humano da verdade e refletindo, assim, o mistério maior da existência: a unidade na diversidade.

Estou consciente do tamanho de nossa ousadia ao escrever o presente ensaio. Articular mundos tão distintos como o da mística especulativa, que vem de um universo filosófico mais formal da Fenomenologia da Religião e os textos de Rûmi e São João da Cruz não é tarefa das mais fáceis. Talvez por isso o texto tenha aparentado, em certos momentos, um certo grau de tendenciosismo, se me permitem o neologismo, no sentido de forçar correlações só existentes no desejo do autor. Se assim for espero que não se esqueçam que a interpretação dada é sempre construída sob pressupostos que orientam o olhar do investigador. As pessoas podem partir de outros pressupostos diferentes dos utilizados por nós, mas jamais devem desconsiderar os utilizados por correntes diferentes de suas próprias, para correr o risco de se fecharem em idéias que inviabilizem o diálogo. E quando se trata de questões desta ordem de complexidade, como é o caso da mística, que toca nas camadas mais profundas da existência, é preciso entender que barreiras como as que existem entre a ciência e a arte acabam por se permeabilizar.

Para encerrarmos nossa reflexão é preciso dizer que é papel da ciência estar sempre levantando questões, abrindo possibilidades, com a consciência de que a totalidade da verdade está além das possibilidades humanas, por isto devemos nos contentar com os pequenos instantes de iluminação que nos é dado pela graça.

Bibliografia

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. Fenomenologia da Religião: *temas e questões sob debate*. In. DREHER, L. H. (org.) *A essência manifesta. a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

PONDÉ, Luiz Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In TEIXEIRA, F. (org.) *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil – afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. O método de Deus. In. TEIXEIRA, F. (org.) *No limiar do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2004.

RÛMI, Jallal ud Dim. *Masnavi*. São Paulo: Edições Dervish, 1992.

SÃO JOÃO DA CRUZ. Cântico Espiritual. In. *Obras de São João da Cruz*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1960.

TEIXEIRA, F. Rûmi: a paixão pela unidade. In. TEIXEIRA, F. (org.) *No limiar do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2004.

VELASCO, J. M. Mística. Uso y abuso de un término impreciso. In. VELASCO, J. M. (org.) *El fenómeno místico. Estudio comparado*. Madrid: trota, 1999.

SCHWARTZ, Sílvia. O estado atual das discussões epistemológicas sobre a mística. In. TEIXEIRA, F. (org.) *No limiar do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2004.